

Edson INCOPTÉ**Invasão de Ratos**

Isnaba corria velozmente rasgando as ruas escabrosas do bairro Bandim. Entrou pela casa dentro como se estivesse a ser perseguido e, quase sem fôlego, gritou:

– *Mãe, mãe... vem aí uma invasão de ratos!*

– *Uma invasão de ratos, filho?* – Respondeu a mãe, surpreendida.

– *Sim, vêm aí muitos ratos, dispostos a roer tudo.*

A mãe, pasmada, pôs-se a pensar de onde sairiam tantos ratos ao ponto do filho falar numa invasão. Fez aquele olhar de desconfiada e perguntou:

– *Mas, filho, são assim tantos ratos?*

– *Sim mãe! Ninguém os consegue contar, andam espalhados por toda a parte.*

– *Mas se andam espalhados por toda a parte, como é que eu ainda não vi nenhum?*

A desconfiança estava plantada nos olhos de D. Saba. Conhecia bem os entusiasmos da criatura que pôs no mundo.

– *É verdade mãe, foi o próprio professor N'tchalá quem disse hoje na aula...*

Sem acabar de falar, Isnaba voltou a sair porta fora com a mesma velocidade com que entrara. Correu pelas ruas de Bandim sem olhar para trás, procurando os amigos para contar a boa nova. Não tardou a encontrá-los na *tapadinha*¹ jogando futebol. Assim que Isnaba começou a gritar, o jogo foi imediatamente interrompido, todos quiseram prestar atenção ao que dizia o miúdo mais entusiasmado do bairro.

Ele lá contou, mais uma vez, a estória da invasão de ratos e os colegas logo deixaram o jogo para mais tarde e começaram a *tchólonar*². Não tardou muito e o bairro todo já sabia que vinha aí uma invasão de ratos. Nem todos acreditaram, mas a D. Filomena, vizinha e amiga de D. Saba, tratou logo de não brincar com o assunto. Rapidamente foi conversar com a sua amiga:

– *Vizinha, já ouviu a notícia que vem aí uma invasão de ratos?*

– *Já vizinha, o meu filho não fala de outra coisa.*

– *E não vai tomar nenhuma providência? Olhe que os ratos não são para brincadeira, destroem tudo...*

– *Ainda não sei, vou esperar para ver o que acontece.* – Disse calmamente a D. Saba.

– *Eu já estou a caminho da feira, vou arranjar um bom mesinho³ e esperar por esses larápios.*

A D. Filomena era assim em tudo que a rodeava: completamente exagerada. Só que, tal como ela, haviam muitas outras pessoas em Bandim. Todos começaram a comprar remédios para ratos. Numa semana a notícia se espalhou por todo o país. Passava em todas as rádios nacionais e comunitárias. Nas feiras, as mulheres não falavam de outra coisa. Nas *bancadas*⁴, os jovens não tinham outro tema. Apontavam-se números. Discutiam-se tamanhos. Dizia-se que os ratos roíam baús estufados, roupas,

¹ Tapadinha: Terreno livre, mas reduzido, onde se pratica futebol

² Tchólonar: Divulgar

³ Mesinho: Remédio

⁴ Bancada: Local onde grupo de jovens se encontram para debaterem sobre várias questões.

maços de dinheiro e até os pés das pessoas, enquanto elas dormiam. Rapidamente deixou de haver remédios para ratos nas feiras. Todos quiseram estar precavidos para a invasão que aí viria.

Passaram-se vários dias, várias semanas e nada de ratos na cidade de Bissau. As pessoas começaram a questionar de onde teria surgido toda aquela estória. Todos tinham apenas ouvido falar, ninguém tinha visto rato algum. As rádios começaram a receber queixas por terem divulgado notícias fantasiosas. Os jornalistas foram obrigados a investigar. Com o conhecimento que tinham da capital guineense, depressa chegaram à conclusão de que a notícia surgira em Bandim. No bairro, todos apontavam o dedo ao entusiasmado Isnaba, que por sua vez ia dizendo que ouvira a estória na escola, mas sem mencionar nomes. A D. Saba ia defendendo o filho como podia. Mas também não podia fazer grande coisa, pois não sabia de onde tinha surgido toda aquela chibaria. Duma coisa tinha a certeza: o filho não era nenhum *giló*⁵. Por sua vez, a D. Filomena, exagerada como sempre, *rabatou*⁶ a palavra para acusar os comerciantes da feira de Bandim de terem sido os inventores de toda aquela estória.

– *Toda esta estória apareceu na feira de Bandim, foram os vendedores que a inventaram para nos tirarem dinheiro. Deviam ser presos...*

– *A senhora tem a certeza do que acaba de afirmar?* – Questionava um dos jornalistas presentes, com um tom intimidador.

A D. Filomena não teve tempo de responder ao jornalista, porque logo de imediato iniciou-se uma grande confusão. Todos queriam falar, todos tinham algo para dizer e ninguém respeitava ninguém. Os jornalistas foram obrigados a abandonar o local, mas na cabeça de muitos permanecera a acusação feita pela D. Filomena aos comerciantes da feira de Bandim. Vários deles deslocaram-se à feira com o intuito de questionarem os feirantes (coisa que não deviam ter feito). Ao chegarem à maior feira da capital guineense, os jornalistas depararam-se com uma grande confusão. (Adivinhem: a declaração da D. Filomena passara nas rádios.) O tumulto era tão grande que só a intervenção dos vizinhos da Segunda Esquadra conseguiu serenar os ânimos. Todos queriam reaver o dinheiro.

O jornalista da Rádio Pindjiguiti voltou de imediato para estação e propôs que fosse realizado no dia seguinte um programa aberto ao público dedicado ao tema. A questão passara a ser de interesse Nacional.

No dia do programa variadíssimas pessoas quiseram opinar sobre o tema.

O estudante Mamadú Camar defendia a seguinte opinião:

– *Para mim esta estória foi inventada por alguém que achou que a cidade de Bissau se encontra completamente imunda. O que não me admira, pois o lixo tomou conta da nossa bela cidade. Existem contentores por tudo quanto é lado e debaixo deles é só lixo e mais lixo. Os cidadãos dos países vizinhos consideram que a nossa cidade é o tanque de lixo, o que não fazem em suas terras, vêm fazer aqui. Parece que aqui não há ninguém que lhes peça explicações...*

Já o político Marciano Nhaga defendia o seguinte:

– *Eu julgo que esta estória foi inventada pelo Governo para desviar as atenções, dessa gente já nada me surpreende. Mas a verdade é que o país está numa penúria. A justiça não funciona, a pobreza cresce a olhos visto, o fosso entre ricos e pobres é cada vez maior, se bem que todos sabemos que muitos enriqueceram e enriquecem de forma ilícita, a droga está a destruir por completo a nossa juventude e a nossa sociedade em geral. E o Governo achou que com a estória da invasão de ratos as*

⁵ Giló: Nome atribuído a um grande mentiroso.

⁶ Rabatou: Tomar apressadamente, sem pedir permissão.

peessoas se esqueceriam destes problemas todos. Enganou-se redondamente, porque nós, cidadãos de boa-fé, estamos atentos às suas maranhas⁷.

Por sua vez, a senhora Evaldina Semedo, enfermeira no hospital Nacional Simão Mendes, referia:

– Na minha opinião esta estória foi inventada com intenção de alertar as pessoas e só conseguiu ter sustentabilidade porque no fundo as pessoas sabem que é algo que pode mesmo acontecer. As pessoas neste país têm falta de civismo. Não cuidam convenientemente das suas casas, as comidas não são bem conservadas e todos sabemos que estas coisas atraem ratos e outros bichos... E não se trata de falta de meios, pois no passado as condições eram bem piores e a cidade não era assim tão suja, trata-se mesmo de falta de civismo...

Várias outras pessoas ligaram e deram os seus pareceres, o tema da invasão de ratos até serviu para que muita gente lavasse a alma em relação à situação do país. Mas mesmo no final do programa, eis que liga a D. Saba, mãe de Isnaba. Ela liga e faz com que o jornalista se recorde dela, de seguida afirma lembrar que a estória da invasão aparecera da boca do professor do seu filho, professor N'tchalá. Ora, a fidelidade do testemunho faz com que muitos jornalistas fossem à procura do professor na sua residência em Bandim. Ao chegarem à casa deste e vendo-o sentado à varanda a ler um livro, um dos jornalistas logo questionou:

– Professor N'tchalá, foi o senhor que enganou um país inteiro afirmando que viria aí uma invasão de ratos?

– Enganar? Eu não enganei ninguém. – Disse o professor, com ar sereno.

– Mas, segundo informações que temos, o senhor foi o primeiro a afirmar tal coisa aos seus alunos? – Persistiu o jornalista.

– De facto eu disse aos meus alunos que viria aí uma invasão de ratos, maior do que aquela que já existe e, muito provavelmente, fui o primeiro. – Respondeu o professor, com muita calma.

Um outro jornalista presente, surpreendido e indignado com a confissão, confronta o professor:

– Mas como pode o senhor ter afirmado uma coisa desta natureza? Que provas tem para colocar uma cidade, um país inteira em estado de pânico?

O professor N'tchalá finalmente fechou o livro que estava lendo, levantou lentamente a cabeça, olhou fixamente para o rosto do jornalista que o questionou e disse:

– O senhor acha que preciso de alguma prova? Não vê ratos espalhados por toda a cidade de Bissau? Se não vê então é cego...! É só subir até à praça, verá aí os ratos todos. O senhor não vê...? Os ratos invadiram a cidade, povoaram as casas mais luxuosas deste país, roeram e roem, todos os dias, o coração das pessoas. Roeram sonhos e valores. Roeram toda a honestidade, a hombridade, até a humildade das pessoas. Já não resta quase nenhuma esperança, roeram quase tudo.

Os jornalistas, sem deixarem que o professor concluísse o que estava dizendo e sem dizerem mais uma palavra, viraram as costas e foram-se embora, voltando o professor N'tchalá a sua leitura.

⁷ Maranhas: Armações/Planos

Uma Questão de Liberdade

Cinco anos a viver longe do berço, e embora as aventuras e desventuras de Lisboa o desafiassem a tal, Martinho N'fanda, nem por um dia esqueceu as últimas palavras do seu pai, antes de sair de Bissau: «uma árvore pode ter o tamanho que tiver, mas no dia em que as suas raízes apodrecem, ela, inevitavelmente, cai por terra». Citou-me esta frase vezes sem conta.

Tal como eu, Martinho N'fanda viera para Portugal com o objectivo de prosseguir os seus estudos superiores. Na Guiné-Bissau tinha a vida feita. Aliás, nascera mais do que com a vida feita, nascera com o destino traçado: assumir o trono do pai em Braia, norte do país.

Sempre encarou o facto de ser o primeiro filho do Chefe da Tabanka, e portanto, seu sucessor, com grande naturalidade. Nem poderia ser de outra forma, porque até completar o liceu, gozara de duas formações complementares: a académica e a tradicional, que o pai fizera questão de lhe inculcar. Era um profundo conhecedor da cultura e das tradições do seu povo. Falava-me com grande autoridade e conhecimento dos Balantas de Kuntowe e dos Balantas de Fora, enumerando as suas subdivisões. Contava, com orgulho, que passara por todas as etapas de formação tradicional, «...de Bidokni Ni Nharé a Lante-Ndan», dizia vaidoso.

A sua vinda para Lisboa só se consumara porque o pai não encontrou um argumento, suficientemente, forte para o manter no país. E, aproveitando a compensação que recebeu pelos votos da tabanka nas eleições presidenciais, mandou-o para Portugal com o objectivo de prosseguir os estudos, com todas as regalias. Porém, sem data de regresso, isto é, a qualquer momento o destino podia convocá-lo para aquilo por que nascera.

N'fanda falava-me, quase que diariamente, do seu pai. Demonstrava venerá-lo. Esculpia-o, nas suas falas, como um homem justo e sensato, que tinha como principal característica ser excepcional ouvinte. «Só um bom ouvinte consegue ver a verdade e fazer justiça. Quem não sabe ouvir, não consegue ver onde está a razão. Um líder tem que ser, acima de tudo, um bom ouvinte», reproduzia as palavras do pai.

A vinda para Portugal livrou-o, muito embora temporariamente, de um outro compromisso: o casamento com Maria N'tombikté. O compromisso fora estabelecido desde o dia em que esta nascera. Aliás, fora o próprio pai de N'fanda quem lhe colocara esse nome, no dia em que decidiu que aquela seria a mulher do seu filho¹.

N'tombikté fora educada, desde os 10 anos de idade, pela mãe de N'fanda. «Cresceu bela e prezada, é claro», dizia-me ele entusiasmado, concluindo que aquando da sua partida, só se aguardava pela data da cerimónia. E eu sentia, além de entusiasmo, uma grande ansiedade nas suas palavras.

Mas, o passar dos tempos foi definhando o entusiasmo e a ansiedade de N'fanda, até ao dia em que Rita Alexandra veio dar a machadada final.

Morena de rosto alegre, lábios carnudos e avermelhados. Rita e N'fanda conheceram-se quando este frequentava o segundo ano de licenciatura e ela o primeiro do mesmo curso. Ela, de imediato, simpatizou com ele, diria até que o amou em segredo durante algum tempo, antes de se entregarem apaixonadamente um ao outro, ao fim de seis meses de grande cumplicidade. Rita solicitava N'fanda para todo e qualquer trabalho. E ele, por sua vez, respondia com prontidão e paciência. Invariavelmente, terminavam os trabalhos com ele a explicar algumas particularidades da Guiné-Bissau e, mais concretamente, do povo Balanta. Eram inseparáveis em quase todos os eventos culturais e académicos. Acompanhavam-se, semanalmente, nas idas ao cinema e depois iam lá para casa agitados, numa tremenda troca de argumentos sobre o tema abordado. Como eu, quase sempre, estava fora do assunto, passei a deixá-los na sala para ir ler no quarto antes de dormir. E tenho para mim que foi, sobretudo, nesses momentos a dois, em que a Rita perdia completamente a noção do tempo e do espaço, esquecendo que já era madrugada dentro e não estava em sua casa,

mas sim na casa partilhada por dois estudantes, um de Sociologia e outro de Antropologia, que tinham em comum o ser guineense, que acabaram por se envolver mais intimamente.

Viveram mais de dois anos de relacionamento, sem deixar, por um dia que seja, que a chama da paixão arrefeça-se. Muito pelo contrário, faziam grandes planos para o futuro.

N'fanda vivia completamente fascinado. O fulgor daquele relacionamento adormecera todo e qualquer sentimento de compromisso que o seu passado estabelecera com o futuro. E entre os dois anos de namoro, previsivelmente, N'fanda terminou a sua licenciatura em Antropologia. A satisfação fê-lo comunicar o feito aos pais na Guiné-Bissau. Confessou-me, dias depois, que, não fosse o entusiasmo do momento, teria adiado por tempo indeterminado aquela comunicação.

O pai ordenou-o que arrumasse as trouxas e voltasse para o país. Com o argumento de que ele podia, a qualquer momento, despedir-se deste mundo.

Foi nesse instante que N'fanda se deparou com uma questão que nunca pensou que colocaria a si mesmo: estava mesmo disposto a voltar para a Guiné-Bissau?

Contou-me que depois da conversa com o pai, deixara-se ficar duas horas espedado no sofá a remoer os pensamentos. Tudo o que sabia era que não tinha vontade nenhuma de voltar para a Guiné-Bissau. Não lhe passava pela cabeça deixar Rita, seja por causa do trono na tabanka, seja por causa de N'tombikté ou por qualquer outro motivo. Mas por outro lado, a frase do pai, que por essa altura, dormitava dentro dele, tomara de assalto todos os seus sentidos. Isso porque o aparecimento da Rita não lhe fizera esquecer a frase, mas conseguira que a frase perdesse, por muito tempo, a sua importância.

«O que achas que devo fazer?» Perguntou-me num dos momentos em que me lamentava a sua sorte. Mas ao sentir que o meu silêncio, por si só, representava uma resposta, resolveu ir procurar respostas mais claras em outras paragens.

Voltando ao meu encontro, horas depois, mesmo sem proferir uma única palavra, N'fanda revelava estar mais confuso de que quando partiu. Após longos minutos de silêncio, abriu finalmente a boca para dizer que não tivera coragem de falar com a Rita. Não encontrara forma de lhe dizer que, contra a sua vontade, mas sim do destino, tinha que regressar definitivamente ao seu país. Não encontrara um jeito doce de lhe explicar que não nascera verdadeiramente livre. Que nascera com uma missão a pesar-lhe sobre o destino. E que agora havia que escolher entre o destino que lhe foi traçado pelo nascimento e aquele que desejava ele mesmo traçar.

Os dias foram-se gastando e a incerteza tomando conta de N'fanda. Fez todas as questões que a sua mente lhe permitia, a si e ao mundo. Mas não encontrou respostas. Em vez disso chegou-lhe, numa sexta-feira a tarde, iluminada por um sol de verão, um convite para ser assistente investigador na universidade em que se tinha formado. E ele começou por achar que aquilo era mais do que um convite: que era um sinal do destino. Mas nem isso aniquilou as suas dúvidas.

A noite caiu sem decisão. No quarto ao lado do meu, N'fanda procurou dormir sobre o assunto, adiando, por mais um dia, a decisão. Mas foi incapaz. Disse-me no dia seguinte que conseguia fechar os olhos, mas a mente continuava inquieta, rejeitando as várias tentativas de abstracção. Disse que deitou sobre o assunto, com este a pica-lo na consciência e não dormiu.

Para mim e para ele, a manhã rompera mais cedo que o habitual. E N'fanda saiu porta fora, sem destino. Iria, simplesmente, andar por andar. «Acabei a beira do Tejo conversando com os meus botões». Disse-me quando voltou.

«A vida está a dar-me uma oportunidade de escolha. Pela primeira vez tenho a liberdade de fazer uma escolha sobre o meu destino.» Avançou. E eu percebi que a brandura da madrugada tinha servido para que ele chegasse a essa conclusão, mas não lhe tinha chegado para, de facto, fazer a escolha.

Fiz do meu silêncio resposta, mais uma vez. Sai porta fora deixando-o, sempre altivo, parado no centro da sala a espera de uma palavra minha. Mas eu não só tinha medo de influencia-lo com uma resposta, como procurava que ele reserva-se, exclusivamente, para si a liberdade de escolha.

Aliás, no nosso grupo, um conjunto de jovens guineenses que estavam a estudar em Portugal, ninguém falava sobre o assunto, nem na presença, nem na ausência de N'Fanda. Era ideia assente que o nosso único dever enquanto amigos era ouvi-lo, nada mais do que isso!

Ao voltar para casa no final do dia, encontrei-o sentado no sofá da sala com o semblante de quem esteve assim o dia inteiro. Obviamente que não me atrevi a questiona-lo. Mas olhei para os olhos dele e vi neles um brilho invulgar. Era lágrima. Percebi que tinha chorado todo o dia. E foi então que compreendi que a decisão estava tomada, qualquer que fosse, estava tomada.

Predispus-me a ouvi-lo, mas desta feita quem não estava para conversas era ele. Seguiu para o quarto no preciso instante em que o telemóvel tocou. Mas ele nem para trás olhou. Entrou no quarto e bateu a porta. Não sei porque razão, mas não me atrevi, se quer, a olhar para a chamada.

- 1- *N'Tombikté* é nome feminino de etnia balanta, que normalmente se coloca a esposa de *N'Fanda*.

O Generoso Mar de Biombo

Quando Carlos Cambua sacudiu o corpo da cama, ainda o sereno se fazia sentir. Saiu de casa com a sua cana de pesca encunhada no ombro para mais um dia *di buska djanta*. Longe de imaginar que aquele dia seria diferente do habitual, foi cantando para espantar a solidão da caminhada. Por duas vezes, embalado pelo cântico, deu *tapadas* com o pé esquerdo. Pensou voltar para casa, porque as duas *tapadas* não seriam um bom agouro. Mas o dever de colocar *mafé* no prato lá de casa falou mais alto. Seguiu em frente até chegar ao local onde habitualmente pescava, ali era garantido. Peixe não faltava! Para sua surpresa estavam dois sacos grandes recheados e encalhados na areia. Olhou para os lados para ver se estava ali mais alguém, mas não viu ninguém, viu sim mais dois sacos de iguais. Chegou mais perto. Com desconfiança, tocou no saco com o pé. Ao sentir algo fofo, ganhou coragem para abrir o saco. Abriu e dentro estavam outros saquinhos transparentes com algo que lhe parecia farinha. Mas pela sua textura, não podia ser farinha. Era demasiado fino. Então deduziu que fossem leite em pó. Afinal o que mais conhecia ele? Ficou tão feliz que olhou para o mar imenso e disse «*obrigado, mar generoso*». Carregou dois sacos e escondeu-os nos arbustos ao redor da praia. Carregou, com grande à-vontade, os outros dois e esqueceu-se da pesca: *kasa rek*. Para alguém que tinha saído à procura de *djanta*, nada melhor do que começar pelo leite do mata-bicho.

Chegou à casa e anunciou a grande generosidade do mar de Biombo à sua mulher. Felicíssimo, voltou à praia para ir buscar os outros dois sacos. Agora já não cantava para espantar a solidão, mas sim para declarar o seu contentamento a essa mesma solidão. Porém, teve mais uma surpresa à chegada. Os sacos já não estavam onde os tinha deixado. Procurou por toda a parte e nada dos sacos com o leite em pó. No percurso de regresso a casa, deixou de cantar, matutava se de facto não estaria ninguém na praia quando ele vira os sacos. Se de facto ninguém o viu a esconder os sacos. Se quem tirou o saco dos arbustos seria o verdadeiro dono deles e não uma oferta do generoso mar. As respostas eram escassas. A única coisa que sabia era que ele não tinha visto ninguém! Para descansar a mente, resolveu guardar segredo, o leite ficará só para a família. A vizinhança que o desculpasse, mas a solidariedade habitual desta vez seria quebrada.

Contudo, assim que colocou o pé em casa, lá estava a mulher a exhibir o bendito leite aos vizinhos. Já não adiantava fazer grande coisa, se não sustentar a estória da generosidade do mar de Biombo. «*O mar trouxe, está trazido. Não pertence a ninguém, se não a Deus*». – Diziam os vizinhos. – Enquanto isso, Cambua falava baixinho com os seus botões: «*e agora, como guardar segredo?! E se o verdadeiro dono do leite ouvir a estória e vir reivindicar o que é seu?!*». Concluiu que havia de dividir aquilo o mais rápido possível, assim cada família aproveitava o que podia. Caso o dono aparecesse, a divisão já estaria feita, mesmo devolvendo, não seria tudo. De imediato executou o seu plano, repartiu o leite pelos vizinhos e ficou com a sua parte. Obrigados não lhe faltaram. Afinal leite por aquelas bandas era coisa rara e só ao alcance de alguns.

A euforia em torno do famoso leite era grande, com fogareiros a serem acessos, água menos potável a ser colocada para ferver, meninos a fazerem esquemas para provar o leite ainda em estado sólido. Agora, uma coisa não foi esquecida, Cambua estava bem ciente das suas responsabilidades de colocar *mafé* no prato. Pegou na sua cana e fez o caminho de volta à praia. Ao contrário do que é habitual, os peixes naquele dia não estavam muito virados para o anzol do nosso amigo de Biombo. Parecia que alguma coisa não batia certo. Algo se tinha passado naquelas águas durante a madrugada, algo que tivesse afugentado os peixes. Mas como desistir estava fora de questão para Cambua, ele persistiu na sua pesca. Lá por volta do meio-dia, quando os raios do sol se faziam sentir com grande intensidade, conseguiu puxar da água uma boa *bentana*. As coisas começavam a melhorar, mais umas quantas tentativas e algumas *teinhas* estavam no balde. Agora sim voltaria para casa de cabeça erguida, sem a sensação de falhanço.

Ao chegar a casa, Carlos Cambua deparou-se com uma situação que estava longe da sua imaginação. A família toda estava num avançado estado de debilitação. O filho mais pequeno aparentava uma situação de fraqueza que assustou Cambua. Correu para a vizinhança gritando socorro, mas o cenário era igual. Ninguém apresentava forças para socorrer o próximo. Se havia dúvidas, dissiparam-se, o causador de tudo aquilo só podia ser o bendito leite. Carlos Cambua voltou a correr buscando a

morança mais próxima para pedir socorro. Para mais uma surpresa, aquela *morança* estava em igual estado de comalência. Ou seja, não havia muito que pensar acerca do saco desaparecido do Cambua. O medo tomou conta do nosso amigo pescador. Rumou ao centro de saúde de Biombo em busca de milagre, já que encontrar mais de um médico se serviço e com disponibilidade para se deslocar, só mesmo milagre. Correndo quilómetros sem parar, Cambua viu o seu esforço recompensado, o tal milagre aconteceu mesmo. Apesar de o centro de saúde estar bastante preenchido com pacientes em igual estado de debilidade, o único médico de serviço mostrou-se interessado em deslocar-se à *morança* do pescador.

Chegando a casa do Cambua, antes de qualquer análise aos afectados, o médico ordenou que todos os sacos fossem colocados na sua carrinha, inclusive os de toda a vizinhança, com a justificação de que tinham de ser enviados para análise. A *foronta* de Cambua não lhe permitiu, por um instante que fosse, ver com desconfiança as acções do Sr. Doutor. Desde a sua disponibilidade para se deslocar, até às suas atitudes perante os sacos de leite. Ficou sim espantado quando entrando no carro o médico lhe disse «*procure arranjar, o mais rápido possível, purgante. Para a sua família e para os seus vizinhos*».

Depois de, relativamente, restabelecidos graças ao purgante, havia que concertar respostas quanto às razões de tudo aquilo. Uns estavam convictos de que o leite estava fora do prazo de validade, outros apontavam para a *mandjidura* do verdadeiro dono do produto. Não havia era formas de confirmar as hipóteses levantadas, os sacos eram transparentes e não continham prazos de validade. E quem haveria de *mandjir* se tudo aquilo estava abandonado nas areias da praia? Tinha que se procurar outras respostas. E para isso nada melhor do que ir à procura do médico que tinha levado o leite para análise.

No centro de saúde ninguém sabia que médico era esse, nem o seu paradeiro. A única coisa que as enfermeiras sabiam dizer, era que o enigmático produto não era leite. Mas sim cocaína proveniente de uma lancha naufragada na costa do generoso mar de Biombo. Toda a *morança* ficou pasmada, e todos reconheceram que *fidju di si n'sibiba nunca padido*. Já o nosso amigo Cambua, continuou a madrugar todos os dias no mesmo lugar, talvez só para pescar, talvez à espera que o destino lhe sorrisse e o mar lhe mandasse novamente leite de Colômbia. Embora nunca tenha aproveitado a pesca para pensar sobre o que faria caso a história de repetisse.

O Ministro

Abdulai Carmalá acordara nesse dia mais cedo que o habitual e logo com uma longa chamada do seu patrão. Este último encontrava-se afilo por chegar ao serviço mais cedo que o costume. Abdulai abalara de casa a correr sem ao menos tomar o seu *mata-bicho*. O patrão tinha passado a noite em branco por um colega lhe ter confidenciado que haveriam, brevemente, remodelações no Executivo. Isto é, iam rolar cabeças no Governo que eles pertenciam. E ele tinha a plena consciência de que ocupava um cargo sensível, um cargo, que muito embora, ia conseguindo manter graças a sua imensa capacidade de dizer apenas o que o chefe quer e gosta de ouvir, tinha sido algo instável antes da sua chegada. Tão instável que não houve ninguém que o ocupara por mais de ano e meio. Mas ele ia conseguindo com o seu truque de camaleão manter-se no cargo. Já passara por ele três Governos; saliente-se, os governos passaram por ele, não ele pelos Governos. Todos sabiam como ele se mantinha no cargo, mas mesmo assim atingia o seu objectivo. Mudava de lado com a mesma facilidade com que mudava de camisa.

Abdulai chegou à casa do seu patrão e nem precisou tocar a campainha, como frequentemente fazia, o dito-cujo já se encontrava à porta a sua espera.

- *Vem atrasado Abdulai, sabe bem que detesto atrasos.*

- *Sim senhor. Não ouvi a chamada e não é costume acordar a estas horas.* – Diz Abdulai ainda com cara e voz de sono.

- *Vá, vá... vamos lá embora que quero chegar rápido ao serviço.*

Dirigiram-se rapidamente para o palácio do Governo. Ao chegarem, antes de irem para o escritório, para que ali Abdulai recebesse as instruções do dia, entre os quais os recados para as amantes, tiveram que passar primeiro pelo gabinete do chefe do Executivo. Havia que sonda-lo.

- *Muito bom dia Excelentíssimo Sr. Primeiro-ministro.*

- *Bom dia, bom dia. Chegou cedo hoje, meu caro.* – Respondeu-lhe o chefe, sem nem levantar o rosto. O que não era de todo um bom sinal.

- *Sabe como é, muita coisa por fazer por esta terra e por este povo. Essa é a minha função, a minha vida é isto...*

De facto ele tinha razão, aquele cargo era a sua vida. Todo em si girava a volta daquele posto. Tudo quanto conseguira na vida, provinha dali. Fizera pouca coisa da vida desde que regressara de Portugal, onde tinha realizado os seus estudos superiores. Foram tempos difíceis que ele detesta lembrar, mas que também não podia esquecer. Quando deixara Bissau em 1986 rumo à capital lusitana, carregava em si grandes sonhos, expectativas elevadíssimas. Que se foram dissuadindo à medida que descortinava a verdadeira Lisboa, aquela com bairros de latão, a sua primeira morada; com mendigos desafiando o frio nas calçadas do Rossio nas rigorosas noites de inverno.

Na verdade, ele tinha deixado Bissau sem perspectivas de volta. Tomara como exemplo os *Cubanos* e os *Soviéticos*, que tiveram de fazer o caminho de volta ou fugir para Europa logo após o regresso ao país. A situação não estava fácil, anos passavam e os libertadores, ou reajustadores, nada mostravam ao povo. Pior, não cediam espaço a mais ninguém. Os recém-formados, por sua vez, não podiam hipotecar a juventude e os seus saberes num país com futuro incerto e, tal como ele, o grande objectivo era ganhar a vida, a melhor que pudesse.

Mas que importava isso? Que importância tinha a falta de patriotismo? Não planeava regressar, mas regressou; mas valia ser doutor na sua terra do que um zé-ninguém em terras alheias...

- *Ainda bem que pensa assim, é sempre bom lembrar que estamos aqui para servir o povo.* – Disse em tom baixo o Primeiro-Ministro.

- Sem dúvida chefe, sem dúvida...

Quase que expulso pelo silêncio do chefe, o nosso economista pediu licença e saiu da prematura. Dirigiu-se para o seu gabinete na companhia do seu motorista e moço de recados. Dera a este indicações pormenorizadas para o resto do dia. Onde tinha que ir, o que tinha de fazer e dizer.

Abdulai seguira para os seus afazeres deixando o seu patrão possuído por enumeras interrogações. A imagem e a reacção do Primeiro-Ministro não lhe tinham deixado satisfeito, nada satisfeito mesmo. Mas o que fazer? Ficar quieto a espera que este o colocasse na rua? Ou sacudir o rabo do estufado e tomar providências? Claro que o nosso economista não era homem de ficar a espera de nada, havia de fazer algo. Mas o quê?

Ao cair do dia, com aquele cenário inigualável, sem luzes artificias que desfiguram a beleza do crepúsculo, Abdulai apanhou o seu patrão à porta do palácio do Governo, pensando que se dirigiriam para casa. Ficou, um tanto quanto, admirado quando este lhe disse vamos para Gan Turé, tenho que falar com o velho Satalá.

- Para Gan Turré, chefe? Mas o chefe não me manda sempre buscar o velho Satalá quando precisa dele?

- Abdulai, faça o que lhe digo e não me questiona.

- Peço desculpas chefe, mas é que fiquei surpreso; e ainda por cima vejo-lhe com uma cara preocupada.

- O assunto é mesmo para preocupação. Posso perder o meu cargo, logo também perdias o teu. Percebes agora?

Abdulai rapidamente assimilou a questão, percebeu o porquê de terem ido para o serviço mais cedo que o habitual e percebeu o porquê de terem passado de manhã pelo gabinete do Primeiro-Ministro.

- Percebo chefe. Isso seria muito mau, tenho famílias para sustentar. Sabe como é, duas mulheres e 5 filho. Sem falar no facto de que com a morte do meu pai, todos os encargos das famílias caíram sobre os meus ombros.

- Esse é o problema de vocês. Acham que ter muitas mulheres é demonstração de riqueza e poder. Mas na verdade são elas que vos sustentam e quando não a conseguem fazer, caem na miséria.

- Mas chefe, vocês, kristons, também têm muitas mulheres, a diferença é que, manga di bias, só uma é oficial.

A conversa ia decorrendo em tom informal. Por momentos se quebraram as barreiras que separavam o patrão do empregado. O mais certo é o patrono de Abdulai estar naquele momento a desprender-se das preocupações que lhe assolaram o dia todo.

- Isso é uma outra questão. No meu caso, por exemplo, elas é que não me largam. Querem sempre aproveitar a minha situação. E claro, eu aproveito porque com a minha profissão posso sustentar todas as mulheres que quiser, o que não quer dizer que vá deixar a minha esposa e os meus filhos. Dinheiro não me faltará para dar a todas elas.

- Desculpe, chefe. Mas qual é a sua profissão?

- Ora Abdulai, não faça perguntas tolas. Eu sou ministro!!!

- Mas chefe...

Talvez o experiente Abdulai fosse cometer a grande gafe de dizer ao seu patrão que, na verdade, ministro não é profissão. Felizmente, não foi à tempo de o fazer. O chefe foi mais rápido e se deu

conta do despropósito que é estar a discutir assuntos pessoais com o motorista... onde é que já se viu?!

- Mas nada Abdulai... conduza que é para isso que lhe pago. Não para fazer perguntas parvas.

Chegados à casa do velho Satalá, os búzios não pareciam estar muito a favor do ministro profissional. O velho Satalá não poupou nas palavras para explicar ao mesmo que desta vez, alguém lhe tinha passado a frete e lhe fizera uma boa cama de gato. Uma cama que não seria muito fácil, nem barato, de desmontar: havia que tirar *simolas* generosas, gordas mesmo, matar umas quantas cabras e caso tudo isso não resultasse, a luta entre *murus* havia que continuar.

E a luta continuou mesmo... só o ministro soube a falta que todo aquele dinheiro lhe fez depois para conseguir comprar aliados, subornar certas pessoas e pessoas certas, criar confusão e derrubar o Governo. Que ele chegou a pertencer. Ao menos num Governo de Unidade Nacional, de Transição, ou seja lá o que for, poderia voltar a roubar algum e fingir não ver os outros. Voltar a ter carros novos, as viagens e todas as mulheres que, no entanto, lhe deram com os pés.